

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A política e a cidade: memória, espaço e identidade no sul Fluminense (1980/1990)

Marco Aurélio Santana*
Icléia Thiesen*

Resumo:

O presente trabalho analisa as formas pelas quais militantes dos movimentos sindical e popular constroem suas memórias acerca das mobilizações experimentadas no município de Volta Redonda nos anos de 1980/1990, verificando as representações de cidade que perpassam esse trabalho de memória. Na verdade, o que se tem é uma leitura da cidade – concreta e simbólica - pela lente da política. A pesquisa é feita via utilização da metodologia da História Oral, desenvolvida através de entrevistas com militantes e outros atores sociais participantes daqueles movimentos. As falas dos entrevistados nos servem como portas de entrada às suas representações acerca do espaço em que atuaram. Sente-se claramente a diferenciação e qualificações que buscam evidenciar entre os dois períodos. A partir das falas dos entrevistados se podem perceber as estreitas relações entre a construção de sua memória e o espaço no qual atuaram.

Palavras-chave: Memória – Trabalho – Cidade

Abstract

The aim of this paper is to analyse how a group of union and social movement militants constructs its memories about the mobilisations in Volta Redonda city in the years 1980/1990. We verify how a particular city space representation is put forward by the memory's construction process orientated by a political view. What we can see is a sort of concrete and symbolical interpretation of the city through the political lenses. The research has used the Oral History methodology by interviewing union militants and social activists, whose had participated in the movements at that period. The interviews had opened important ways to address the militants' representation on the space they acted upon. Through the militants accounts one can identify the strict relationship between memory, identity and space.

Keywords: Collective Memory – Labour - City

Apresentação

O presente trabalho analisa as formas pelas quais militantes dos movimentos sindical e popular constroem suas memórias acerca das mobilizações experimentadas no município de Volta Redonda nos anos de 1980/1990, verificando as representações de cidade

· Doutor, professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

* Doutora, professora do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

que perpassam esse trabalho de memória. A idéia é identificar como se estabelece uma operação de leitura da cidade pelos agentes através das lentes de sua experiência política.

A pesquisa é feita a partir da utilização da metodologia da História Oral, desenvolvida através de entrevistas com militantes e outros atores sociais participantes daqueles movimentos. Dado o espaço restrito e esquemático de uma comunicação de pesquisa, optamos por selecionar extratos de maior significância de depoimentos, que não poderão aqui ser trabalhados em toda sua amplitude e riqueza.

A relação umbilical e constitutiva entre memória e espaço foi apontada de forma seminal por Halbwachs (1990) em seu já clássico *Memória Coletiva*. Nele, o autor assinala as formas pelas quais um determinado espaço pode ser constituído sob as ingerências da memória, e ao mesmo tempo as maneiras pelas quais a memória está vinculada, lastreada e delimitada por um determinado espaço. Por sua vez, Pollak (1989 e 1992) assinalou a vinculação entre memória e identidade, nos mesmos termos daquele de Halbwachs. Assim, memória e identidade estão vinculadas e associadas em sua construção.

Não se trata aqui de indicar um processo de construção que se faça de forma lisa, sem conflitos e disputas. Ao contrário, o processo de construção da memória e da identidade se faz sempre conflituosa e disputadamente. Isso rebate na construção espacial. Como bem lembram Bourdieu (1989) e DaMatta (1997), o espaço tem muito mais que aspectos físicos e concretos. Ele é, e deve ser assim também pensado, social e simbólico, motor e fruto de representações. É um espaço que se torna lugar antropológico ao incorporar práticas, afetos, sentimentos (Augé, 2001). Um espaço vivido (Bachelet, 1998).

Portanto, as alterações em qualquer das partes que articulam memória, espaço e identidade, acabam por impactar as demais. A memória é fonte da história, mas também instrumento de resistência. Diante do excesso de discursos oficiais, os grupos sociais guardam em silêncio suas lembranças, numa espera que se nutre de memórias, “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989). No momento oportuno as memórias emergem e ocupam o campo social. Neste sentido, a luta contra o esquecimento, é também luta pela existência, pela vida, que se faz pela apropriação, construção e reconstrução de experiências, produzindo novidade sobre o passado, reinventando-o constantemente.

Não se trata de uma lembrança absoluta e total, já que a própria construção da memória, como já é mais que sabido, impõe certa seleção. Mas também, não é o caso de um esquecimento total, que nos faria, simplesmente, perder a própria noção de quem somos.

Nestes termos, a memória funcionaria tanto como âncora, quanto como plataforma (Lovisol, 1989). A primeira nos fixa; a segunda nos lança.

Tal invenção é instrumento poderoso de identidade, servindo aos grupos em seus embates e conflitos sociais. Não é por acaso que ao mesmo tempo em que as classes dominantes buscam estabelecer suas memórias, buscando passá-las como de toda a sociedade, independente dos grupos que a constituem, os grupos subalternos também efetivam, a sua maneira, seu trabalho de memória, marcando sua existência frente às classes dominantes. Por isso, vemos surgir formal e informalmente, projetos de memória vindos dos setores subalternos. Esquecer pode ser a diferença entre a vida e a morte do grupo. Por isso, para eles, assume importância a memória que se politiza, que entra em disputa contra o esquecimento proposto a eles (e a sua trajetória) pela memória dominante.

Vida e fertilidade de uma cidade em movimento

Na década de 1980 os metalúrgicos de Volta Redonda acompanharam *pari passu* a conjuntura sindical nacional. Em fins dos anos 1970, eles começam a tentar romper com uma prática sindical passiva, marcada pela liderança de setores “pelegos”, de há muito na frente de sua entidade, e com as políticas da CSN que em muito prejudicava os trabalhadores, sujeitando-os a condições de trabalho degradantes. Será na década de 1980 que setores progressistas tomam o sindicato, modificando a trajetória seguida no pós-1964.

Um dos pontos marcantes desse processo será a “abertura” do sindicato para os demais movimentos sociais que foram se desenvolvendo na cidade, muitos deles surgidos sob a chancela da Igreja católica local, capitaneada pelo bispo progressista Dom Waldyr Calheiros. Como indica o relato de um sindicalista da época,

É, eu acho que tem algumas coisas ali que são bastante curiosas, por exemplo, é indiscutível naquele período o esforço que a igreja fez pra envolver as comunidades nas mobilizações. Então, é, o bispo tinha uma coordenação que incentivava muito nesse sentido e a todo tempo procurava trabalhar integrado com o sindicato, com as associações de moradores, é, incentivando a mobilização, a participação, apoiando inclusive materialmente, né? E principalmente politicamente. (Sindicalista)

Entre tais movimentos encontramos o de posseiros urbanos, pelos direitos humanos, associações de moradores etc. De marcada pujança política e econômica frente aos demais movimentos populares, bem como de forte presença na cidade, não tardou para que o sindicato dos metalúrgicos assumisse proeminência e centralidade em termos dos movimentos sociais locais. A própria conquista do sindicato por setores progressistas já aparecia como uma ferramenta importante. Segundo um dos relatos,

O Sindicato dos Metalúrgicos nós ganhamos ele, nós mesmo, não foi os sindicalistas, fomos nós, o povo de Volta Redonda...que ganhou, e, assim, claro, junto com aqueles que são sindicalistas. Mas a gente precisava de derrubar o peleguismo... Todos nós na cidade sabíamos disso. (Militante do movimento pela moradia)

E prossegue,

E ganhamos, e durante um tempo o sindicato foi uma grande alavanca pra gente, porque a década de 80 o sindicato foi uma grande, a grande sustentação pra gente no movimento, porque a convocação dele era prontamente atendida, né? Não só do ponto de vista de quando ele nos chamava, nós militantes, como quando nós todos chamávamos a população em nome do sindicato, entendeu? Então, era, porque essa legitimidade era mão dupla, a gente legitimava o sindicato e ele legitimava o movimento popular. (Militante do movimento pela moradia)

Associados os movimentos sociais de Volta Redonda passam a ter uma inserção maior e mais profunda na cidade. Os metalúrgicos usavam seu poderio em termos de sede para reuniões, recursos para mobilização e divulgação etc. E recebia em retorno o apoio em termos de logística para suas operações específicas, como as sucessivas greves que marcaram a cidade na época e mesmo o país, como a de 1988 em que três operários foram mortos pelas tropas do exército dentro da CSN. Tanto que nos anos 1980 formou-se um Fórum permanente que articulava todos os movimentos da cidade, com reunião na Cúria metropolitana.

Cabe assinalar que esse processo foi caracterizado também por tensões, cuja análise escaparia dos marcos deste trabalho. Porém, vemos em dois relatos que isso ocorria, valendo a menção,

Nunca foi muito tranqüilo, porque o movimento sindical nunca teve entendimento estratégico... Pra que serve o movimento popular. Ele sempre achou que o movimento popular existe pra dar sustentação às decisões deles... (Militante do movimento pela moradia)

Não foi tudo positivo...Eles eram o poder...Eles tinham o poder econômico...Nos éramos o suporte... Existiam problemas...Mas existia a relação...Com os outros anteriores não tinha nem relação...(Militante do movimento das associações de moradores)

O clima de sucesso auferido pelos movimentos sociais dava a impressão de plenitude e alcance. Segundo um depoimento, nos anos 1980,

A gente tinha vida, sabe, podia não ter comida, mas tinha vida, sabe, a gente tinha vontade, a gente acreditava, a gente tinha proposta, a gente tinha projeto, tinha coragem de correr atrás, sabe, de juntar, as organizações pipocavam em todos os lados, cada provocação, cada semente que você jogava era um monte de coletivos que surgiam. (Militante do movimento pela moradia)

A cidade, antes “do Aço”, vira um jardim de terra fértil para os movimentos sociais. Em se plantando tudo dava. A “vida”, ter “vida”, se definia por “correr atrás”, ter

“vontade”, “crença” e “projeto”. Não são raros os depoimentos que também identificam aqueles anos na cidade como de “força”, “vitória” e “glória”. O que obviamente atraía a atenção de seus “inimigos”.

Olha, eu acho que essa cidade, governo nenhum gosta dela, nem o governo popular. Porque é uma cidade que se você puser o fósforo faz fogo, entendeu? Sempre foi assim... Em Volta Redonda a gente fazia junto qualquer coisa. Se fosse ocupar uma terra, lá tinha movimento sindical... Tinha a igreja e tinha as associações de moradores, a comissão de posseiros, a comissão de direitos humanos, sabe? Então, era uma coisa muito pesada pro sistema... juntando esse povo todo é muito pesado pra eles agüentarem. (Militante do movimento pela moradia)

Da “vida” a “morte” na cidade do Aço

A chegada dos anos 1990 trouxe uma série de mudanças para a sociedade brasileira em geral e para os movimentos sociais em particular. A junção entre abertura comercial, privatização, estabilidade econômica e desregulamentação dos mercados de trabalho, impactou a vida industrial brasileira e, por conseguinte, seus trabalhadores e suas agências representativas. Quando comparamos as décadas de 80 e 90, pode-se perceber que os trabalhadores brasileiros experimentaram dois períodos bastante distintos. Se a primeira pode ser considerada um período de mobilização e conquistas; a segunda deve ser caracterizada como de descenso e reorganização de práticas e estratégias, bem como de perdas de algumas conquistas.

Em Volta Redonda não seria diferente, ainda que a cidade tenha vivido tal experiência a sua própria maneira. O ascenso dos anos 1980 chegou mesmo a estar representado na vitória de Juarez Antunes, que fora presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e deputado federal, para a prefeitura da cidade. Porém, a morte em acidente automobilístico, considerado por muitos uma ocorrência suspeita, vai marcar um ponto de inflexão em termos políticos na cidade, já que quem assume é seu vice, fora das searas dos movimentos. Isso dará aos movimentos novo ânimo de luta para verem sua agenda na pauta do governo. Depois, uma aliança progressista ganha as eleições e, aparentemente, isso daria ao movimento mais esperanças. Porém, o que se viu foi um sem número de divisões e conflitos, entre aqueles que diziam que acusavam o governo de promover a “cooptação” dos movimentos sociais e aqueles que, ainda que egressos dos movimentos, mas agora operando no interior da prefeitura, acusavam os primeiros de “radicais”. No decorrer do processo, o movimento popular vai sofrer “rachas”. Como disse uma entrevistada “assim, os nossos amigos viraram inimigos”.

No campo sindical a perspectiva não era mais amena. Desde fins dos anos 1980, recrudescer a tentativa de privatização da CSN. No início dos 90 isso se tornaria uma política ostensiva e bem articulada que efetivou-se a partir de muita propaganda, perseguição aos opositores e concessão de benesses. A vitória ideológica e prática da campanha tem impactos na empresa, ao reduzir drasticamente o número de funcionários, na cidade, via desemprego e mudança de eixo de atuação estatal para privada no que tange aos espaços públicos; e até no sindicato, quando um grupo de militantes se afasta das hostes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e vai para a Força Sindical, disputa e ganha a eleição, mudando o eixo seguido pelo sindicato até ali, defendendo uma política menos aguerrida, de parceria com a empresa e sem vínculos com os demais movimentos.

Abre-se, assim, um período muito duro para os movimentos sociais na cidade. E será desta forma que os anos 1990 serão trabalhados pela memória dos agentes. O jardim fértil vira um deserto. A participação de outrora, vazio e ausência no cenário político. A política, despolitização. A “vida”, “morte”...

Segundo um dos relatos,

Agora [é] tábuas arrasadas mesmo...hoje é a morte da cidadania, esses últimos oito anos foi a pá de cal, entendeu... Não tem cidadania, nem a vontade de participar, sabe, de discutir, de disputar as idéias...É a paz do túmulo...(Militante do movimento pela moradia)

No que diz respeito à política, antes fonte da “vida”, o que se veria nos anos 1990 era a “Completa despolitização...Completa. É, agora a pouco tempo o sindicato chama assembleias, mas as assembleias na verdade não são assembleias (Sindicalista)”.

Idéia de vazio abraça outras frentes, que se agravaram com a crise advinda da privatização e do desemprego. Segundo uma entrevista com um sindicalista dos anos 1980, “Hoje a cidade não tem mais emprego”. Assim, sem emprego, sem movimento e sem participação, a cidade se tornou uma estranha aos olhos daqueles que com ela tanto se identificaram. Segundo um dos relatos, “a gente diminuindo cada vez mais o número de pessoas na resistência...Gente que se cansava, gente que foi embora da cidade, entendeu? Gente desempregada que se entregava...”.

Considerações finais

Como vimos, na lembrança dos agentes, se os anos de 1980 são anos identificados como de “força”, “vitoriosos” e “gloriosos”, os anos de 1990 são marcados pelas lembranças, com forte carga de emoção, como de “fragilidade”, “derrotas” e “dispersão”. Isso

leva a uma visão com marcas diferentes sobre a própria cidade. Antes vista como “combativa” e “engajada”, passa a ser vista como “alienada” e “desmobilizada”.

As falas do entrevistados nos servem como portas de entrada às suas representações acerca do espaço em que atuaram. Sente-se claramente, não só a diferenciação que buscam evidenciar entre os dois períodos, mas também a dor e o vazio trazidos pela derrota de um projeto, de um empenho e entrega de vida, individual e coletivo, da sensação de falta de espaço, de ausência de participação.

A cidade, campo fértil nos anos 1980, espaço de plenitude, política e existencial, deixa de sê-lo, para ser pensada enquanto um vazio, uma “tábua arrasada”. A intensidade e o tom das vozes oscilam de acordo com a cidade que desenham nas falas. Outros, talvez, desenhassem outra cidade, mas nossos entrevistados a representaram assim.

Fica claro que a força da comparação dificulta a abertura de janelas para a percepção de novas apropriações, práticas, leituras e identidades que podem aparecer nos poros da cidade. Ela, que já foi “combativa” e “metida à besta”; depois “despolitizada” e “apolítica”, pode nos dar ainda, em seus anos por vir, outras experiências a serem vividas e analisadas, com outras intensidades.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaina e Ferreira, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História oral**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ANTUNES, Juarez. *A Explosão da Siderúrgica*. In: **Revista Ensaio**, São Paulo, 17/18, 1989. Pp -5-10
- ANTUNES, Ricardo. **A Rebeldia do Trabalho** - o Confronto Operário no ABC Paulista: as Greves de 1978/1980. São Paulo, Ensaio/Ed. Unicamp, 1988.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Rio de Janeiro. Papirus. 2ª edição, 2001.
- BACHELET, Bernard. **L'espace**. Que sais-je? Paris. PUF, 1998.
- BOITO Jr., Armando (org.). **O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbolico**, Lisboa, DIFEL, 1989.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1997.
- GRACIOLI, Edilson. **Um Laboratório Chamado CSN**: Greves, Privatização e Sindicalismo de Parceria (a Trajetória do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda - 1989 - 1993). Texto

apresentado no XXIV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, GT 18: Sindicalismo e Política, Petrópolis, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo. Vértice. 1990.

MANGABEIRA, Wilma. **Dilemas do Novo Sindicalismo - Democracia e Política em Volta Redonda**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: ANPOCS, 1993.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Novos e Velhos Sindicalismos – Rio de Janeiro (1955/1988)**. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 1998.

MOREL, Regina L. M. *A construção da 'família siderúrgica' – Gestão paternalista e empresa estatal*. In: RAMALHO, J.R. e SANTANA, M. A. **Trabalho e Tradição Sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos**. Rio de Janeiro, D.P&A, 2001. Pp. 76-90.

MOREL, Regina Lúcia de M. **A Ferro e Fogo - Construção e Crise da Família Siderúrgica: o Caso de Volta Redonda (1941-1968)**. São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1989.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: **Estudos Históricos**, vol.2 n.3. Rio de Janeiro, FGV, 1989. Pp. 15-25.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: **Estudos históricos**, N. 10. Rio de Janeiro, FGV, 1992. Pp. 17-30.

RAMALHO, J.R. e SANTANA, M. A. **Trabalho e Tradição Sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos**. Rio de Janeiro, D.P&A, 2001.

RODRIGUES, Iram Jácome. **Sindicalismo e Política: a Trajetória da CUT**. São Paulo, Scritta, 1997.

RODRIGUES, Leôncio M. **CUT: os Militantes e a Ideologia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

SANTANA, Marco Aurélio. *Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990*. In: FERREIRA, J. e DELGADO, L. de A. N. **Brasil Republicano – vol.4 – No tempo da ditadura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Pp. 145-160.

SANTANA, Marco Aurélio. *Memórias de aço: trabalho e luta na fala dos metalúrgicos do Sul fluminense Volta Redonda nos anos 1980*. Trabalho apresentado na ANPUH-RJ, UERJ, 2004.

SANTANA, Marco Aurélio. *Militância, repressão e silêncio: relato de uma experiência com a memória operária*. 35-48. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, n.03, v.03. São Paulo, ABHO, 2000. Pp. 27-40.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VEIGA, Sandra Mayrink e FONSECA, Isaque. **Volta Redonda – entre o aço e as armas**. Petrópolis: Vozes, 1989.